O tempo de trabalho das pós-graduandas da Unicamp e os impactos da covid-19 sobre o seu lazer

Palavras-Chave: Tempo livre, pandemia, divisão sexual do trabalho

Thaís Alegri [FEF/UNICAMP]

Prof./ª Dr./ª Olívia Cristina Ferreira Ribeiro (orientadora) [FEF/UNICAMP]

INTRODUÇÃO:

Desde 20 março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde – OMS declarou[1] pandemia da Covid-19, o mundo assiste uma das maiores crises sanitária-econômica-social já vividas em escala mundial. A elevada taxa de disseminação do vírus exigiu políticas de isolamento e distanciamento social, as quais interferiram de forma direta na vida das pessoas, principalmente daquelas que atuam em atividades que não podem ser realizadas dentro de casa (*home offfice*). Além disso, evidenciou problemas de cunho social e econômico que existem historicamente no Brasil. Dentre esses problemas, destaca-se o tempo despendido em atividades de reprodução social e de cuidados feitas, majoritariamente, pelas mulheres.

Historicamente foram atribuídos às mulheres o trabalho doméstico e de cuidados, tendo a sua manutenção nas relações sociais de sexo, que, segundo Kergoat (2009), têm definido os rumos da participação de homens e mulheres na sociedade. Essa divisão tem como base "a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções de maior valor social" (KERGOAT, 2009, p.67). Neste sentido, as mulheres experimentaram ao longo dos anos uma entrada massiva no mercado de trabalho bem como aumento da sua escolaridade, porém não houve um movimento de maior repartição das tarefas dentro dos lares. Os homens continuam a não dividir os trabalhos domésticos e de cuidados com as mulheres quando compartilham domicílios, situação que se agrava quando existem dependentes/filhos. Essa configuração da vida doméstica gera desvantagens às mulheres em relação aos homens na atuação econômica e social.

Uma dessas desvantagens manifesta-se na distribuição do uso do tempo social entre homens e mulheres, uma vez que, embora o tempo tenha uma dotação limitada de 24 horas ao dia, ele não é utilizado da mesma forma por ambos os sexos. Isto é observado, pois, para os princípios conservadores que regem a dinâmica das formas sociais e econômicas, a mulher é socialmente responsabilizada pelo trabalho

[1] Disponível em: https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declarapandemia-de-coronavirus

doméstico e de cuidados por duas razões; devido ao caráter ideológico patriarcal em que o grupo dominante (homens) atribui (maior) valor às atividades dos próprios homens; já a segunda, refere-se ao funcionamento do sistema econômico que busca apresentar-se como autônomo, embora a estrutura e dinâmica do capitalismo atual seja retroalimentada principalmente pela esfera privada (CARRASCO, 2003).

De acordo com Dedecca (2004), na sociedade moderna capitalista, o trabalho ocupa uma posição central na forma de organização e reprodução do sistema. Portanto, principalmente durante este período atípico, o conhecimento sobre como homens e mulheres distribuem o seu tempo torna-se fundamental, na medida em que passam mais tempo dentro de suas residências durante o período de isolamento social. Dessa forma, o tempo de não trabalho que é visto como um tempo de liberdade, de liberação das amarras presentes no trabalho mercadológico ou não remunerado, que é um tempo de autonomia em oposição à heteronomia do trabalho (PADILHA, 2004), tem se apresentado de forma reduzida. Não se pode esquecer de que, para além da dimensão do trabalho, as mulheres ficam prejudicadas para se dedicar a outras atividades pessoais como as de lazer, estéticas, espirituais, educacionais e/ou de formação profissional, de engajamento social, entre outras.

Segundo Padilha (2004), os seres humanos em sociedade se organizam a partir de tempos sociais, ou seja, em tempos que determinam as atividades sociais: o tempo para o trabalho, o tempo para a família, o tempo da educação, o tempo para a religiosidade, etc. No entanto, é importante lembrar que a sociedade não é uma massa homogênea, em que todos são iguais com oportunidades iguais, seja de trabalho, seja de vivência do tempo livre. O tempo livre é, segundo a autora, um fenômeno social e, por isso, deve ser entendido a partir de recortes e intersecções como sexo, raça/cor, classe social, escolaridade, etc.

Conforme Padilha (2004) e Ribeiro e Tasques (2012), o tempo é marcador social e de pobreza, por isso, a pesquisa buscará identificar o tempo de não-trabalho e o tempo livre das mulheres no contexto da pandemia da covid-19, levando em conta não somente a sua distribuição entre trabalho e não-trabalho, mas, também, considerando a condição em que vivenciam este momento. O lazer é uma manifestação humana que ocorre no tempo e espaço de não trabalho (SILVESTRE; AMARAL, 2017), indicado por Mascarenhas (2000), como “um fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perpassado por relações de hegemonia” (MASCARENHAS, 2000 p.17).

A nova realidade imposta pela pandemia levou a um aumento da demanda de afazeres domésticos, uma vez que, naturalmente, muitas atividades de manutenção da vida diária e de cuidados foram deslocadas do mercado para o ambiente doméstico (JESUS; MYRRHA, 2020), como por exemplo alimentação, educação etc. E, consequentemente, um aumento da carga das mulheres, ou daquelas que realizam o trabalho de forma remunerada, como babás, faxineiras, empregadas domésticas, etc.

Além da elevada carga de trabalho doméstico, as mulheres também se dedicam mais à escolarização que os homens. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística[2] (IBGE) de 2019, entre a população com 25 anos ou mais, 40,4% dos homens não tinham instrução ou possuíam o ensino fundamental incompleto, enquanto entre as mulheres a proporção era de 37,1%. No que se refere ao ensino superior completo, entre os homens a taxa era de 15,1%, já para as mulheres era de 19,4%. Além disso, quando olhamos para a taxa ajustada de frequência escolar líquida no ensino superior[3], na faixa de 18 a 24 anos, as mulheres representam 29,7%, enquanto os homens apenas 21,5%.

Sabe-se que a pesquisa acadêmica como categoria de trabalho é extremamente estigmatizada na sociedade, por não estar associada à produção econômica em sua cadeia final. No entanto, a produção acadêmica gera subsídios técnicos e científicos para a materialização da vida humana em todos os sentidos. E, considerando que as mulheres carregam dupla responsabilidade neste processo, sendo as maiores responsabilizadas pelas atividades domésticas e o grupo que se mantém em maior quantidade no ensino superior, trabalha-se com a hipótese de que as pós-graduandas têm menos tempo livre e, consequentemente, menor tempo de lazer que os pós-graduandos. Dessa forma, torna-se relevante o estudo do impacto da pandemia do covid-19 no tempo de não trabalho e como esta impactou e está impactando o lazer, tempo livre e descanso das mulheres nas diferentes realidades no Brasil.

METODOLOGIA:

Para o desenvolvimento do trabalho estão sendo utilizadas a pesquisa bibliográfica e a qualitativa de caráter exploratório (MINAYO, 2009), sobre tempo de não trabalho e tempo de lazer, conceitos que instituiremos como o tempo social destinado para práticas além do dispendido no mercado de trabalho. Na pesquisa qualitativa estão sendo realizadas entrevistas sem-estruturadas tanto com pós-graduandas quanto pós-graduandos da Unicamp. Isso para não somente para servir de comparação, mas, também, para obter subsídios para comprovar nossa hipótese de que mulheres têm menos tempo disponível para atividades de lazer, descanso, sono, e quaisquer atividades de não-trabalho, ao longo do seu dia, condicionadas, sobretudo, à divisão sexual do trabalho.

O contato para as entrevistas foi realizado via redes sociais, em grupos de whatsapp e no facebook a partir do preenchimento prévio um questionário online com perguntas fechadas, desenvolvido na plataforma *Google Forms* para inscrição na participação da pesquisa. A explicação sobre a condução da entrevista está sendo realizada por meio de reunião na plataforma google meet, em vista da situação imposta de distanciamento social. O modelo do roteiro de entrevista foi desenvolvido e passou pelo Comitê de Ética previamente. A seleção dos/das participantes da pesquisa foi definida a partir do critério

[2] Para mais informações, acesse: https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21241-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html
[3] Para mais informações, acesse: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf

da saturação das entrevistas (MINAYO, 2009). Ou seja, quando houver reincidência das informações e características elementares para sanar os questionamentos da pesquisa, as entrevistas serão cessadas. A análise dos dados das entrevistas será realizada pela análise de conteúdo temática (MINAYO, 2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A primeira etapa da coleta de dados realizada, o de inscrição, contou com a participação de 40 alunos, dentre eles 20 mulheres e 20 homens da pós-graduação. Dentre o total desses alunos, 58% se autodeclaram brancos, 28% pardos, 8% amarelos e 8% pretos de acordo com a classificação do IBGE. 63% deles contam com bolsa auxílio de alguma agência de fomento ou empresa[4] e 38% estão sem nenhum auxílio, servindo de alguma outra fonte de renda ou dependendo de seus familiares. O contato com esses voluntários mantém-se via e-mail institucional e whatsapp.

Já foram realizadas 10 entrevistas com quatro homens e seis mulheres, e algumas outras já estão agendadas, de acordo com a demanda, na medida em que ainda não foi identificada saturação nas entrevistas, conforme a metodologia adotada (MINAYO, 2009). A coleta de dados a partir de entrevistas tem previsão de cessar até o início de agosto, para que no decorrer deste mês sejam realizadas as análises finais dos dados e produção do relatório final, com entrega final prevista para setembro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A partir da finalização da coleta de dados e respectiva análise das entrevistas, busca-se confirmar a hipótese traçada de as mulheres estudantes da pós-graduação têm menos tempo disponível para atividades para além do trabalho e estudos e, dessa forma, menos tempo para o lazer.

REFERÊNCIAS:

CARRASCO, Cristina. A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres? In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (Orgs.). **A produção do viver**: ensaios de economia feminista. São Paulo: SOF, 2003.

DEDECCA, Cláudio. Salvatori. Tempo, Trabalho e Gênero. In: Ana Alice Costa; Eleonora Menicucci de Oliveira; Maria Ednalva Bezerra de Lima; Vera Soares. (Org.). **Reconfiguração das relações de gênero no trabalho**. São Paulo – SP: CUT BRASIL, 2004, v.1, p.21-52.

JESUS, Jordana Cristina de; MYRRHA, Luana Junqueira Dias. **Os afazeres domésticos antes e depois da pandemia**: desigualdades sociais e de gênero. 2020. ONAS-Covid19. Disponível em: https://demografiaufrn.net/2020/07/16/afazeres-domesticos-antes-e-depois/ . Acesso em 19 de março de 2021

KERGOAT, Daniele. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo In: HIRATA, Helena, LABORIE, Françoise, LE DOARÉ, Hélene, SENOTIER, Danièle (org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 67-75.

MASCARENHAS, Fernando. **Lazer e grupos sociais**: concepções e método. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

[4] Sendo eles: Capes, Cnpq, Fapesp, Univesp ou Convênio Samsung-Unicamp.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2009. PADILHA, Valquíria. Tempo livre. In: GOMES, Christianne Luce (Org.). **Dicionário Crítico de Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RIBEIRO, Lílian Lopes; TAQUES, Fernando Henrique. Pobreza: da insuficiência de renda à privação de tempo. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, ano 14, n. 25, p. 108-120, jun. 2012.

SILVESTRE, Bruno Modesto; AMARAL, Sílvia C. Franco. O Lazer dos Professores da Rede Estadual Paulista: uma investigação entre os gêneros. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v.20, n.1, mar/2017